



VISTA DE ARGOSTOLI.

CEPHALONIA é a maior das ilhas Jonias (*), posto-que ceda a Corfú, que é a capital, a influencia politica. Tem de superficie 348 milhas quadradas e de circuito rodeando a costa 150 milhas; dista da Grecia obra de sete a oito leguas. É aspera e montanhosa em extremo, atravessada de norte a sul por uma fieira de eminencias, acabando na ponta meridional na *montanha negra*, que de ordinario tem o cimo coberto de neve desde o meado de dezembro até que esta se desfaz no principio de maio. Segundo lembrança de muitos habitantes que ainda vivem, era a mesma serra coberta da banda do norte até a summidade de mattas d'arvoredo, principalmente d'abetos e cyprestes; porem vai de trinta para quarenta annos que as destruíram completamente, largando-lhe o fogo algumas pessoas mal intencionadas que pertenciam a um dos bandos que por esse tempo promoviam desunião e alborotos na ilha: d'então para cá, como os naturaes affirmam, todo o territorio, mas com especialidade os valles da montanha negra teem sido sujeitos a maiores vicissitudes atmosfericas, resultado de pés de vento e tempestades, que se condensam nas partes elevadas, e sem achar repreza desabam e se espraíam pelas terras planas com velocidade e furia. Tal é a importancia dos arvoredos, que até nestes climas temperados a sua falta occasiona os transtornos que apontamos.

No inverno são por extremo violentas e frequentes as refregas de nordeste em toda a Cephalonia; de verão, postoque reinem em successivas quadras, são muito mais brandas e regulares; do meio-dia á meia-noite geralmente sopra o noroeste; da meia-noite ao nascer do sol ha de ordinario calmaria.

(*) Desta republica, dirigida pela influencia britannica dêmos noticia a pag. 292 do vol. 2.º

Em toda a estação chove, mas o que se póde chamar especialmente chuvoso, nesta como nas outras ilhas da republica jonica, é o mez de novembro; então as aguas são copiosissimas, acompanhadas de rijas trovoadas. Sentem-se frequentes tremores de terra, mas não causam damno; e pelo commum isto acontece nos mezes d'estio quando corre o vento tão conhecido no Mediterraneo pelo nome de *si-rocco*.

A enseada e porto de Cephalonia mette-se pela terra obra de oito milhas; é tão difficil de entrar como de sahir em rasão de sua forma em voltas como roscas de serpente, mas interiormente offerece seguro e capaz abrigo ás embarcações: a sua entrada é grandemente picturesca; d'ambos os lados os bosques e as fazendas cultivadas, a que no fim dão realce magestosas montanhas, alegram successivamente os olhos. Á esquerda para o occidente, a tres milhas do ancoradouro, tem assento a cidade de Lixuri: em frente della abre-se o porto em uma ramificação que vai correndo para sueste umas tres milhas, e na península formada por este ramo e á beiramar está Argostoli, capital da ilha, em terreno declive que lhe dá boa apparencia: é de notar que se passar-mos do grupo jonico para o archipelago acharemos as cidades dispostas em amphitheatro, porque as edificaram em chão esconço e de ladeiras.

Argostoli consta de duas ruas principaes e extensissimas, com muitas travessas; não é mal construída, e as casas, de dois andares, têm em geral a frontaria para o nordeste. No centro ha um pequeno quadrangulo que é a praça do mercado: a ponta de Trapano, que atravessa o golpho na extrema meridional da cidade, fornece um excellente caminho entre esta e o interior da ilha abreviando a

communição espaço de quatro a cinco milhas. — Ha um museu, outr'ora publico, hoje propriedade particular. As casas de reunião para os homens são os cafés ou botequins; para alli vão com seus cachimbos e tabaco: fumar e conversar é o divertimento da terra; juntam-se communmente ás cinco da tarde e estão até ás oito que se recolhem a cear; acabada a refeição voltam para os cafés, e uns jogam as cartas, outros fumam e conversam até a hora habitual de se deitarem: nestas casas é que se póde conhecer o caracter dos habitantes; e todos os estrangeiros os reputam mais activos que os da ilha principal, Corfú; são na realidade mais emprehendedores em suas agencias ou de mercancia ou de navegação.

A outra cidade de que fallamos, Lixuri é no todo da physionomia o retrato de Argostoli: alli se faz, em consequencia de suas relações com o povo do sertão, o deposito dos vinhos e bellas passas, como as de Corintho, que constituem o ramo agricola principal da ilha, afóra o azeite, que em nenhuma parte do mundo o ha melhor, concorrendo para a sua bondade a exposição, o amanho, e a qualidade do territorio. — Cephalonia tambem exporta licores que são grandemente apreciados em todos os portos do Mediterraneo, e dizem que a especialidade da sua fragancia e sabor é devida ás plantas aromaticas que na ilha crescem superabundantemente; provavel é que a base desses licóres contribua para o seu credito, porque a aguardente que alli se fabrica e de que sahém alguns cascos é optima, segundo os provadores. Com tudo isso, estes generos, bastantes para a subsistencia do commercio dos moradores da ilha, que não passam de 60:000, são muito diminutos comparados com o movimento commercial, e daqui provém as numerosas falsificações com que se alcunham e preparam bebidas, que nunca de Cephalonia se extrahiram. Lembra-nos a este respeito a sinceridade com que um credulo e probo religioso franciscano trouxe a Lisboa por vinho de Chypre uma beberagem purgativa, feita de alguns fructos para se tomar como laxante benigno, e que não deixou de fazer o seu effeito nas pessoas, a quem o padre brindou com o supposto vinho.

Se, a fóra os generos mencionados exceptuarmos uma pequena porção de seda, e alguns tecidos de panno grosseiro [em que entram cobertores] não ha outros productos em Cephalonia. — Os moradores fazem uso do pão de milho cosido em fornos pequenos, aquecidos com vides; este pão e os vegetaes constituem o seu diario sustento, porque não são dados a comidas de carnes: consomem porém grandissima quantidade de uvas; o Dr. Hennen assevera que na occasião das vindimas cada camponez come dez a doze arrateis de cachos maduros, sem prejuizo da saude, antes com isso engordam.

Ao sudoeste de Argostoli os venezianos tinham descoberto catacumbas, que os francezes depois, e por ultimo os inglezes exploraram: acharam-se os despojos mortaes de antigos guerreiros com suas armaduras, grande objecto de investigação para os archéologos; os corpos desfazião-se em pó ao minimo contacto. Das oito que se abriram em 1647 vieram para o museu de Veneza as antiguidades aproveitaveis. Outras memorias de seculos remotos se tem deparado á curiosa investigação em varios recantos da ilha.

Pouco mais ou menos a cinco milhas da capital

está fundada a cidadella de S. Jorge, sobre um teso de altura consideravel, com uma aldéa bem povoada na falda, mas que em rasão de numerosas ruinas parece ter sido terra de mais importancia n'outra era: aqui remata a cordilheira meridional de cabeços, de que acima tinhamos feito menção.

MACHINAS.

3.º

Se os males que Sismondi attribue ás machinas de fiar algodão, e a todas em geral, são verdadeiros, temos de pronunciar tambem as economias como rés que são do mesmo delicto; porque se a barateza dos productos das primeiras é hostil á renda do capitalista, do fabricante, e do operario, as economias que importam uma supressão no consumo dos productos, não podem ser menos adversas áquelles tres productores. Se o invento de Arkwright acabou com as rocas e a industria das fiandeiras, os capitães com que foram levantadas as novas fabricas do algodão não concorreram menos para a extincção d'aquella industria; pois se é certo que o novo mecanismo deu baixa ás rocas, tambem o é que esse mecanismo não funcionaria per si em qualquer estabelecimento sem o auxilio dos capitães.

A exploração de um terreno inculto póde ser damnosa ao proprietario de outro terreno já cultivado, mas menos fertil; porque é um rival que se levanta, um novo concorrente que vem disputar-lhe o mercado, um instrumento de producção agricola mais perfeito que o outro. A superioridade de um artista capaz de ganhar n'um dia o que outro, menos destro, ganha em dois, é tão contraria aos interesses d'este, como uma machina capaz de tecer em 24 horas 50 varas de panno de linho é contraria á industria anterior, habil somente a tecer em dobrado tempo o mesmo numero de varas. Cuido que não ha differença nos casos que aponte, e que se pelas rasões de Sismondi convem reprimir as machinas, tambem convem reprimir a accumulção dos capitães, a exploração das terras mais feraces que as já exploradas, a habilidade e proficiencia dos artistas mais adiantados que outros. O arrasado do economista semelha o pensamento de Caligula — semelha-o na tendencia; não é na intenção: — suprimir a riqueza equival a decapitar a humanidade.

Dirão que Sismondi nem attribue á industria nem ás invenções fabris, senão indirectamente, as calamidades por elle apontadas; mas a dois flagellos, a dois monstros oriundos de Inglaterra, que ainda não tem nome proprio em nenhuma lingua conhecida, senão na ingleza, e se chamam — *to overtrade* [sobrecommerciar] e *to oversell* [subvender]. Ao primeiro que leva o commercio a ponto excessivo, produz ou importa sem proporção com as necessidades dos consumidores, ou peja os mercados. Ao segundo, que, no intuito de obter consumo e sahida ás mercadorias, as cede por preço mais vil que qualquer outro productor, arruinando-o, expulsando-o dos mercados, e contentando-se de o conseguir com diminuição nos lucros proprios, e ainda mesmo com perda (*). Mas o certo é que parecendo por vezes vogar para differentes regiões, o celebre economista vem sempre a descahir sobre esta paragem das machinas.

Que tem ellas com as paixões humanas, e os desvarios do espirito mercantil? Não de proscrever-se,

(*) Obra citada, tom. 2.º pag. 212.

porque assim talvez acabe o furor de commerciar, a sofreguidão no vender, o excesso no produzir, e o enfarte dos mercados? Receamos que por virtude desta logica inexoravel venha ainda a decepar-se a mão direita a todos os homens, visto que tem sido instrumento d'uma multidão de crimes; e que o mais precioso dos metaes, pela utilidade do seu serviço, e a extensão quasi infinita das suas applicações — o ferro — se condemne a um jazigo eterno nas entranhas do nosso globo, em expiação de haver immolado milhões de victimas ao impeto da vingança e da guerra. — Entremos um pouco mais no amago da questão.

Aquelles monstros insulanos — *sobrecommerciar, subvender, sobreproduzir* — exprimem essencialmente uma só idéa, um só facto: *superabundancia*. A *superabundancia* significa um excesso. Nas suas causas primarias quer dizer: redundancia de industria, redundancia de engenho, redundancia de talento, redundancia de faculdades de invenção e produção, redundancia de capitaes, redundancia de riqueza: *absurdo*. Na economia das nações, quer dizer que todas ellas estão prosperas, ou tocaram o apice da felicidade: *fabula*. N'um paiz em particular, quer dizer que não ha entre os seus habitantes um unico indigente: *não se sabe de nenhum n'estas circumstancias*. A *superabundancia* é uma ficção.

Sobeja a subsistencia á população? A historia mostra-nos, pelo contrario, a população reprimindo-se em muitos paizes por falta de subsistencia; ou emigrando para melhorar de fortuna. Em diversas partes da India expõem-se ou vendem-se as creanças a quem a penuria de seus paes não permite sustentar; e até a difficuldade de manter um tratamento conveniente introduziu ali, nas classes elevadas, a pratica de tirar a vida ás filhas, apenas nascem. A irrupção dos barbaros sobre o império romano no principio do seculo 4.^o foi devida á mingua que experimentavam no meio dos seus bosques e tremedaes, onde a maior parte se alimentavam da caça e da criação do gado; modo de vida que, segundo nota Robertson (**), requer extensos tractos de terra para poucos individuos. A Europa envia para a America o excedente dos homens que não póde assalariar. Em Inglaterra estão passando dos districtos agricolas para os fabris grande numero de trabalhadores, por encontrar nos ultimos o emprego que lhes falta absolutamente nos primeiros. E em não poucos paizes predomina o celibato em razão da escacez de recursos para subsistir.

Ha milhares d'estes exemplos: da subsistencia ou da produção refreada por *superabundancia* á população não deparámos um unico, nem antigo, nem moderno. Devemos pois concluir que a *superabundancia* no mercado universal é uma ficção; porque nem ha no mundo excesso geral de productos de toda a casta para os que consomem, nem excesso tambem geral de emprego para os que trabalham: e caso houvesse, teriamos alcançado aquella rara felicidade, em que ninguém soffreria privações. Nos mercados parciaes tambem não encontrámos *superabundancia*. Na Inglaterra, por exemplo, vemos muita riqueza d'um lado, e muita pobreza do outro; d'uma parte productores que produzem muito — ou por si ou por instrumentos seus — e da outra productores que produzem muito pouco; d'um lado proprietarios, capitalistas, e empregarios com lu-

cros muito avultados, e do outro trabalhadores com salarios tenuissimos; de sorte que a demasia com que uns produzem não é absoluta, senão relativa á mesquinhez da produção de outros, e o sobejo não procede da saciedade geral, senão da penuria do maior numero. Este estado de cousas denota *escacez*, e não *superabundancia*; que importam duas idéas, ou duas situações economicas que se excluem mutuamente, quer no mercado geral do mundo, quer no mercado local de um paiz.

Se, porem, na impossibilidade de defender que ha *superabundancia* de productos no que toca ás *necessidades dos consumidores*, se insiste em affirmar-la em relação ás *suas posses* — ainda assim é necessario discernir as causas, inteiramente alheias ás machinas, a que ella póde ser devida, para que se não refira ás ultimas um phenomeno de origem estranha.

Quando em fevereiro deste anno de 1842 se debatia na camara dos commons a questão dos cereaes, o ministro Peel tambem lançava em culpa ás machinas, e á imprudencia dos fabricantes, a estagnação dos productos, e a opilação do mercado. Lord John Russel demonstrava-lhe que o mal provinha das leis que restringiam o commercio externo; e o deputado Milner Gibson, analysando os effeitos d'ellas, as dos cereaes sobre tudo, avivava o ridiculo de estar accusando as machinas e os fabricantes da estagnação dos artefactos ao mesmo passo que a faculdade de os trocar a trigo estrangeiro era limitada pelos direitos, excessivos, de entrada que este pagava, e que os trabalhadores inglezes dispendiam no excesso do preço do pão, muito mais caro por esse motivo, a parte do seu salario, que, se assim não fosse, destinariam á compra de artigos fabris.

O mesmo phenomeno que, segundo Milner Gibson, é em Inglaterra devido ás leis dos cereaes, e não á imprudencia dos fabricantes, póde, em outro paiz, ser devido a ella; pois os fabricantes podem ignorar a extensão, energia, e duração das necessidades do mercado onde tem de transportar os seus productos, e até onde chegam os meios daquelles que tem de lhes consumir, e nesta ignorancia produzirem mais do que lhes convem. Um paiz póde, com uma medida que estime favoravel aos seus interesses, prohibir ou quasi prohibir a entrada de certas mercadorias estrangeiras, fazendo-as refluir para os armazens daquelle onde foram fabricadas [como hoje está succedendo ás inglezas repellidas pela legislação fiscal de outras nações]. Uma guerra entre dois povos, que d'antes commerciam, póde suspender as relações mercantis entre ambos, paralisando os productos que se permutavam neste commercio. A quebra de uma casa de negocio póde, arrastrando na sua ruina a diferentes fabricas, lançar de improviso na circulação tanta copia de artefactos dellas que obstrua o mercado, ou malbarata-los de modo que cause perda sensivel a estabelecimentos analogos. Eis-aqui como os desarranjos, de que com tanta leveza se accusão exclusivamente as machinas, podem ter a raiz em outra parte.

Já muito a proposito advertiu Flores Estrada (::) «que as fluctuações commerciaes, com tanta frequencia experimentadas pela maior parte das nações, tem sido sempre resultado de restricção no commercio, ou de decadencia da industria; não da maior facilidade de produzir as mercadorias — e

(**) Historia de Carlos 5.^o tom. 1.^o pag. 5, edição de 1812.

::) Cours ecletique d'Econ. Pol. — traducção de Galibert, Paris 1833 — tom. 1.^o pag. 281 e 282.

que Inglaterra, a nação de mais aperfeiçoamento nas suas machinas, não tem padecido tantas vicissitudes no pedido de seus panos, algodões, e quinilharias pelo estrangeiro, como na procura de seus vinhos, sedas, laãs, e soda tem soffrido Hespanha, que é a que nos dois ultimos seculos menos progressos tem feito nas artes e sciencias mechanicas.» E neste mez de julho que está correndo, em conferencia que tiveram os delegados da associação contra as leis dos cereaes com o ministro Peel, se verificou que a crise desgraçada porque está passando Inglaterra não tem abrangido somente aos districtos fabris; antes pesado, com assaz severidade, sobre os commerciaes; e sido talvez mais afflictiva para aquella classe de industriosos como sapateiros, alfaiates, e costureiras, que se não servem de machinas; quero dizer [e assim provavelmente o entenderam, posto que o não disseram, os delegados a que me refiro]—aquellas machinas complicadas e dispendiosas, que pelo seu preço, e os capitães que requer o seu trato, não podem ser postas em actividade senão por numero de individuos comparativamente pequeno; em quanto os instrumentos, mui simples, com que trabalham no seu officio os operarios que aponte, não são, pela barateza d'elles, superiores ás posses dos mesmos operarios. Em abono desta mesma observação está o discurso de lord Brougham, acima citado, quando nota que o açoite que flagella Inglaterra, tem ferido por igual não só os ramos de industria que, como o algodão, se ajudam de muitas forças motrizes; senão os que, como a laã, fazem uso muito menos lato d'ellas.

Não trago estes exemplos como desculpa dos transportos que se arguem ás machinas, que mui fragil seria, se as vantagens d'ellas não foram tão patentes, e se uma nação podéra, sem damno proprio, repulsa-las, em quanto outras as acceitam. Des que os portuguezes descobrimos caminho mais facil para a India, e para o trato das especiarias, forçoso foi aos mercadores venezianos, genovezes, e catalães largar a velha estrada de Alexandria e Barut, onde eram levadas por um longo e custoso circuito — de mar, do entreposto de Ormuz até Bassora — e de lá, por terra, em cafilas até aquelles dois portos do Mediterraneo, aos quaes as iam buscar os navios europeus. Teimar em seguir a estrada antiga, era impossivel depois de achada a nova; pois por esta traziamos nós aos mercados da Europa as drogas e mercancias orientaes muito mais baratas, e ficavamos monopolistas d'aquelle rico commercio. Que restava, portanto, aos povos que conosco queriam participar dos lucros da nossa descoberta? Perfilha-la. E perfilhando-a, era indispensavel que se valessem, ao mesmo tempo, da nova machina com que tinhamos aperfeiçoado a navegação, porque a ella era devida a descoberta. Nova machina chamamos áquelle instrumento nautico, de que usam os mareantes para tomar a altura do sol, melhorado de maneira por dois medicos d'el-rei D. João 2.º, e pelo astrónomo, Martim de Bohemia, que o tornaram outro, aplanando muito com este progresso a navegação pelo alto mar que até ali, sempre ou quasi sempre costeira, se fazia com grandes delongas e incalculaveis despezas sobre riscos amiudados. Tanta é a influencia do mesmo instrumento até pela descoberta da America, que esta descoberta [não é reflexão nova] não aproveita só ás nações que commercem directamente com o Novo-Mundo, senão ás que para lá mandam

mercadorias, e recebem os retornos, por mediação de outros paizes. E nem só a estes, tambem aos que não tendo commercio com a America, nem directo nem indirecto, comtudo pelo uso que fazem de alguns dos seus productos, são necessitados a fabricar valores e artigos de industria com que os comprem. Até os povos — se os ha — que não consomem nenhuma mercadoria da America, se tem relações commerciaes com outros enriquecidos pelo trafico com ella, podem, pela virtude expansiva da producção, participar da prosperidade d'esses. É raro que sendo hoje tão faceis as communicações, uma nação não chegue a tirar algum lucro, mas que seja mui remoto, daquellas mesmas machinas, de que não fórma a menor idéa. Mas este lucro remoto que, parece, as signala com um novo attributo — a *ubiquidade* — não compensa nunca o damno que se occasiona de as recusar: e pôde assentar-se como regra que defender a sua introdução não evita nenhum inconveniente; antes expõe o paiz que as despresa a ver emigrar uma parte dos seus capitães e dos seus industriosos, e a ficar estacionario ou atrasado, em quanto outros lhe levam a dianteira.

[Continuar-se-ha].
A. d'O. Marreca.

DAS DIFFERENTES PARTES DE QUE SE COMPÕE A CULTURA.

A CULTURA é a arte de fazer produzir a terra grãos, ou vegetaes em maior quantidade, e em mais perfeição do que aquelles que crescem espontaneamente.

Os vegetaes ou plantas são entes organicos vivos que provém d'um grão ou semente; fixos durante sua existencia no lugar onde nasceram [se a mão do homem ou outro accidente os não transplanta]; que crescem pela absorpção de fluidos que tomam da terra, ou que lhes communica a atmospheria; e que perecem ou morrem em certo lapso de tempo.

As plantas compõem-se de órgãos distinctos; a saber: da raiz que se crava na terra; da tige ou tronco que se eleva ao ar; de folhas, expansões membranosas, planas, ordinariamente verdes, que revestem a tige; da flôr que se compõe de folhinhas ou pétalas as mais das vezes córadas, envolvendo os órgãos sexuaes ou da geração; do fructo finalmente, o qual envolve os grãos ou sementes.

Cultivar uma planta é collocar na terra preparada ou a semente, ou o vegetal já nascido; favorecer o seu crescimento e direcção por meio de cuidados adequados; colher na epocha conveniente as partes ou fructos della, uteis ao homem ou aos animaes domesticos.

Divide-se a cultura em cinco classes, as quaes tem entra si innumeraveis relações.

1.ª Agricultura, que é a cultura em campo aberto, onde se seameam os pães, como o trigo, o milho, o centeo, &c.

2.ª Praticultura, ou cultura dos prados e hervas.

3.ª Horticultura, ou cultura das hortas e jardins.

4.ª Viticultura, ou cultura das vinhas altas, ou baixas.

5.ª Silvicultura e arboricultura, que é a cultura das florestas e dos bosques, e das arvores em geral.

As sciencias que mais ajudam e favorecem a cul-

tura são a botânica e a chimica. Aquella dá ao cultivador os meios de conhecer pela simples inspecção das plantas seus caracteres e propriedades distinctas a fim de cultivá-las com proveito: a 2.^a lhe fornece por meio da analyse os conhecimentos proprios para distinguir a natureza ou composição dos terrenos e dos estrumes, a fim d'aplicar uns e outros da maneira conveniente.

De cada uma destas cinco grandes divisões ou classes daremos os preceitos mais geraes, as noções praticas e mais ordinariamente adoptaveis: não cessando todavia de repetir que as circumstancias diversissimas da localidade, do clima, das necessidades e proveitos do agricultor, podem produzir excepções, e ficará sempre muita cousa ao discreto arbitrio do raciocinio e da experiencia.

1.^a Classe: agricultura, ou cultura do campo: lavoura.

A operação de lavras é a mais importante da agricultura; o seu objecto é o de voltar a terra, dividi-la, e purga-la das máservas, e d'expor-las ás influencias atmosphericas; prepara-la em fim para receber as sementes.

Nunca se deve lavar quando a terra está molhada; em tal caso o lavor seria inutil e sem beneficio do campo.

A menor ou maior profundidade do rego depende da natureza e qualidade do solo. A regra mais geral é que póde profundar-se o rego até ao fundo do solo fertil, nunca mais abaixo. A excepção desta regra é quando o subsolo, ou a camada de

terra inferior é melhor que a primeira, ou de qualidade que torne melhor aquella pela mistura.

O lavar é utilissimo á vegetação das plantas, porque abre e esterróo o solo, e dá por este meio ás fibras e raizes das mesmas plantas a faculdade de estender-se, e absorverem os principios nutritivos dos estrumes, limpando igualmente a terra das más raizes, plantas, e outros embaraços que prejudicam a vegetação.

Os terrenos saibrentos, ou arenosos podem ser lavrados estando ainda humidos ou molhados ligeiramente, ou mesmo com tempo chuvoso. Estes sómente fazem excepção na regra geral: os demais terrenos devem lavar-se em tempo quente e enxuto.

Convem muito dar um lavor preparatorio, lavrando a terra logo depois das cegadas, e colheitas das searas. Este lavor superficial serve d'enterrar o restolho, faz germinar as sementes perdidas, e as máservas, habilitando-as assim para serem mais facilmente extirpadas no lavor para semear.

Nem todas as terras exigem frequentes lavours; antes a este respeito differem ellas muito entre si. As terras fortes, como são as barrentas, tenazes, e as gredosas, exigem labores multiplicados pelo arado e pela grade afim de romperem o torrão compacto e desunirem a adherencia de suas moleculas. Pelo contrario os terrenos leves, e pulvulentos, de uma contextura porosa e fraca, requerem menos trabalho. Muito convem lavar no Outono os terrenos argilosos, porque serão assim melhor cortados da influencia das geadas.

(Continuar-se-ha.)



CAVALLOS NA DEBULHA.

Em a nossa peninsula é quasi geralmente desconhecido o costume adoptado n'algumas regiões do norte, e até em parte da França, de fazer a debulha do trigo depois de recolhido nas casas da granja, e no inverno; costume que talvez proceda da necessidade que põem muitas vezes os habitantes na alternativa de ou verem destruidas por chuvas extemporaneas as suas searas, ou de as recolherem ainda na palha sob tecto enxuto. — Os peninsulares usamos do mui antigo modo de debulhar no calcadouro, que consiste, como entre nós é sabido, em estender os feixes na eira, e fazer passar e repassar por cima o gado; que é cavallar na maior parte da Hespanha, e de ordinario é vac-

cum em o nosso reino. Assim quebrada a palha, fica solto o grão, que pelo seu peso cabe na superficie calcada da eira, e quando liberto da palha grossa já forma a tulha que é o principal producto do lavrador; este aproveitando um dia de vento regular revolve com as pás, fazendo-o cahir d'alto, o grão que está na eira, para que o sopro do ar agitado sem excesso sacuda para o que chamam [em nossa provincia] pé o cascabulho, o palhiço, e algum grão chôcho, e fique na cabeça a colheita limpa de moinha, e que transportada em saccos é o fructo das aturadas fadigas de um anno. — A preferencia dada a cavallos ou a bois, neste trafego da agricultura, depende das localidades:

como, por exemplo, hade o lavrador do termo de Lisboa, e de muitas terras de provincia que conhecemos, empregar cavallos que não cria, nem o territorio lh'o permite, sendo os poucos que ahi se sustentam, ou para cavallaria os de raça estimada que vem de outros districtos, ou para carretos os de menor marca? Em muitas partes, até do nosso reino, os cavallos aram com a charrua as terras; mas em geral servimo-nos dos bois, que não só lavram com o arado, mas tambem debulham na eira, e carregam depois o producto para casa, afóra os outros serviços que todos reconhecem neste animal prestante. Crêmos que por duas juntas de bois se hade empregar no calcadouro dobrado numero de cavallos; porque fogoso e arrebatado o cavallo, e de cascos mais maneiros e leves talvez não corresponda ao passo tardio, certo, e pesado do boi.

DIFFERENÇA QUE HA ENTRE O PENSAR E OBRAR.

Não é facil de crer quanto os discursos se enganam, ainda os mais claros, e melhor encaminhados; nem quanto se enganam os homens, ainda os mais intelligentes, e os mais capazes. É grande a distancia que ha entre as palavras, e as cousas; grande a differença que vai de produzir a perceber, e de discorrer a executar.

Na apprehensão e no discurso tudo contenta, e parece facil; é um exercicio agradável que dá gosto e recreação ao entendimento quando busca o que deseja, e se persuade que achou o que buscava. Recebe neste estado o gosto, que se acha nas opiniões novas, julga com satisfação de que achou a verdade: em quanto discursa, em quanto raciocina nada o perturba na possessão do seu objecto. É senhor dos intentos, e das empresas, discorre com idéas agradaveis cortadas pela medida do desejo, e sem encontrar resistencia, ou contradicção goza o bem intellectual, antes de ser alterado pela acção.

Mas quando é necessario sair dos entes de razão, dos espaços imaginarios ao mundo verdadeiro; quando é forçoso que a obra se siga á meditação, e que as cousas imaginadas tomem forma, logo perdem a formosura e o agrado; passa o animo ás difficuldades do trabalho, e aos discursos apraziveis succedem effeitos penosos; tudo o que parecia favoravel ao pensamento é contrario na operação, da mesma sorte que o mercador no porto medindo os rumos, e as distancias sobre a carta se propõe interesses sem risco, navegação sem tormenta; e depois dando vozes no meio da tempestade se arrepende de haver deixado a casa, lança as mercadorias ao mar, e põe todo o cuidado em achar uma taboa para salvar a vida.

Os ventos não se levantam contra as palavras; as deliberações não se rompem nos rochedos. A guarda-roupa é um lugar de repouso, e faz figura e traça o que propõe a vontade: mas alli as traças e as figuras são de cousas ausentes, de objectos distantes. A pintura mostra com graça aquellas cousas que na realidade foram horror. Mas na pratica qualquer principio de paixão, qualquer movimento de colera, um leve escrupulo de honra, uma mudança de rosto bastam para mudar a forma, e alterar as côres da representação, que foi agradável, e para que pareça contrario o mesmo que pareceu semelhante.

Deixo, Sr., a 2.^a parte desta conclusão ao dis-

curso de V. A.; e concluindo digo, que os negocios tem dias, occasiões, e conjuncturas que só se podem conhecer nas negociações: e que muitas vezes descompõem as disposições que formou o discurso fóra dellas. Ha accidentes, alteração de tempos, que o estudo não sabe prevenir, e que o discurso não póde separar da acção. De tal sorte se unem que não é possivel dividi-los, e ás vezes succedem com pressa tão imperceptivel que se não podem copiar.

Os romanos o entenderam assim quando disseram que se devia deliberar na occasião e na presença dos negocios; que se devia tomar conselho com o inimigo, e resolver sobre a sua pressa ou o seu vagar. Que os gladiadores se aconselhavam sobre o theatro. E que muitas vezes a occasião fazia mais conveniente arrebatat o conselho alheio que seguir o proprio.

Esta maxima se entende e se pratica principalmente nas acções militares. Mas quem crerá que tambem ha guerra nas acções pacificas e desarmadas. É necessario pelejar, a differença está no modo da peleja; a duvida, a objecção, a rasão contraria nos combatem por todas as partes. — As difficuldades escondidas a nosso juizo se offerecem subitamente a nossos olhos; nascem com o tempo os impedimentos — uma só circumstancia muda a natureza á occasião. Depois da conclusão succederá isto, ou aquillo; nem isto, nem aquillo succede, mas um terceiro caso que mette a prevenção em desordem, e as disposições em confusão. A falta póde estar escondida na natureza do negocio, sem culpa do sujeito que negocia. A arte será bem entendida, os meios bem encaminhados, e por defeito dos instrumentos se perderá o negocio. Mil accidentes que se não podem conhecer sahirão d'onde menos se imaginar: ou descem do céu, ou sobem da terra: — nesta consideração disse a seu modo um antigo poeta *«que era gosto e passatempo dos deuses, tractar as disposições humanas e desvanecer o pensamento dos homens.»* A boa, ou má politica são igualmente sujeitas a estes ultimos inconvenientes, e contra as disposições do céu não valem diligencias humanas. — Ha uma politica intellectual que não vê de ordinario mais que as plantas e os rascunhos, porque desenha e não edifica, fórma os negocios e as empresas como os philosophos formaram as republicas e os principes, que só foram entes de rasão, e só podiam existir por milagre. Estas empresas e estes negocios são atrevidos e magnificos sonhos, que lisonjeam a parte imaginativa, e enganam inutilmente a rasão. São contos admiraveis e historias impossiveis. — *Obras de Duarte Ribeiro de Macedo, Discurso 4.^o*

UNS INVASORES EXPULSAM OUTROS.

DESDE a conquista por Julio Cesar a Graã-Bretanha foi alternativamente accommettida e senhoreada por diversas nações, que seguidamente se guerreavam e repelliam: a Italia, as Gallias, a peninsula hispana, e assim todas as mais regiões do mundo foram theatros de iguaes scenas em varias epochas. Porem nem só os homens invadem territorios e se desalojam e destroem uns aos outros: ha tribus, especies inteiras de animaes que fazem outro tanto. — Como démos principio a este artigo pela Inglaterra, citaremos um facto curioso, que posto que se realisasse depois em França foi naquella paiz primeiramente observado.

É de saber que os antigos não conheceram o rato grande caseiro, ou ratazana ordinaria, (*mus rattus*) o qual é de cor annegrada e passou á Europa na idade media, transportado do oriente provavelmente pelos Cruzados; os europeus, em compensação, tambem o levaram em seus navios para a America onde tem propagado prodigiosamente. Esteve por alguns seculos na posse de devastar, á porfia com os seus congeneres que já existiam cá, os viveres e outras provisões da humana especie: e como todas estas castas de bichos nocivos são em extremo fecundas, apesar de numerosos inimigos, quer os homens, quer os animaes carnivoros, as desbastarem, nunca foi possível anniquila-las. Chegou-lhe porem a sua vez em Inglaterra, e mais tarde em França, Paizes-baixos &c. Sobreveio de Astracan, das terras circumvisinhas do Caspio e da Persia, uma raça, do mesmo tamanho de corpo que a precedente, porem muito peor e mais damnhinha, e que foi fatal á outra sobre tudo nos reinos que nomeámos: é o rato decumano caseiro (*mus decumanus*), thamado em francez *surmulot*, por ser maior que o *mulot* (*mus sylvaticus*) rato arruivado dos matos, que destroe os campos semeados. — Este novo inimigo, o rato decumano, veio de passagem em navios inglezes no principio do seculo passado, mas tem quasi extinguido em Inglaterra a ratazana caseira, e outro tanto faz em França. É voraz, e atrevido, as suas mordeduras são ás vezes fundas e perigosas em rasão de ter os dentes irregulares: tem o pello ruivo, corpo refeito, costado arqueado, rabo comprido e pellado, e barbas á imitação de gato; no verão assola os campos, no inverno faz grandissimos prejuizos nos celleiros e terecenas. Não deve admirar o seu incremento, attentando-se no das especies de ratos: e de mais a mais as femeas tem tres barrigadas por anno, parindo de cada vez 8 a 12 filhos.

Estes hospedes devoradores que se espalharam pela Graã-Bretanha e destruíram os usufructuarios estabelecidos, tem o seu nome ligado á historia das politicas dissensões do meio do seculo passado, posto que com falsa denominação. Prova-se que já por esse tempo eram tão abundantes que os papeis politicos, em suas allusões, fallavam delles como de uma praga. — Os partidarios dos Stuarts, que nos ultimos annos da rainha Anna, presumiram a possibilidade de uma restauração, não gostaram, como bem é de suppôr, que a Casa d'Hannover fosse chamada ao throno: por tanto não deixaram de lhe imputar [segundo o uso] todo o mal que acontecia ao reino, a saber, más colheitas, naufragios, estragos feitos por animaes damnhinhos; e foi para as más linguas bom ensejo, e thema, a coincidência da chegada dos novos ratos com a dos principes allemães: folheto houve em que se affirmou seriamente que o navio que em 1714 deitou na costa d'Inglaterra o primeiro Jorge trouxera tambem os primeiros d'aquelles ratos. Mas isto é tão falso [alem de ridiculo] que esses roedores não vieram d'Allemanha, mas da Asia, e só appareceram no seguinte reinado. — Quando Smollet escrevia os seus primeiros romances, isto é de 1748 a 1751, o apodo de ratos d'Hannover era vulgar no phraseado de certo partido, para designar não só os allemães, mas tambem os inglezes de pura linhagem, que não escrupulisavam em roer o orçamento. — Para ser corriqueira tal expressão em 1750, era mister que os roedores de quatro pés, a que alludia, fossem conhecidos de ha bastantes annos; e já deviam de

ter pessima reputação, geralmente averiguada, porque de outro modo não seria adoptado o seu nome pelo odio dos bandos, como pezada injuria. Por outra parte os allemães tomaram a peito não reconhecer por compatriotas bichos de tão ruim nomeada, e rejeitando o primeiro nome popular substituíram outro, o de ratos da Noruega, com tanto fundamento como o primeiro. — O caso é que tem prevalecido entre a plebe qualquer das duas inexactas denominações, obscurecendo a honra do paiz natalicio do *mus decumanus*, que é a Asia superior e septentrional; como da Asia tambem viera a outra casta nociva, importada pela gente das cruzadas, e que se acha estabelecida e naturalisada, onde os novos occupantes a não tem combatido.

QUE COUSA É FORMOSURA, E QUANTAS MANEIRAS HA DELLA.

A FORMOSURA é um resplendor do summo bem, que reluz naquellas cousas que se veem e alcançam com o sentido e com o entendimento, pelas quaes os quer converter a si. Deus é uma bondade infinita, e na esphera do universo é um centro admiravel, do qual mana a formosura como circulo da divina luz, procedido daquelle sempiterno lume que é um acto puro, principio de todas as cousas, cujo ser é perfeitissimo, ser do nosso ser, fonte e origem de todo o bem. Mas é de saber que ha duas maneiras de formosura, uma corporea, outra espiritual: e ainda a corporal se póde chamar incorporea, porque mais se conhece com o entendimento que com o sentido; mais se vê com os olhos d'alma que com os do corpo. Com os olhos corporaes vemos a cousa formosa, e com os intellectuaes a formosura: em uma se emprega o sentido, na outra o sentido e entendimento. A formosura d'alma, que a orna, se aformosea com sua ordem, proporção, esplendor, consonancia e discurso; esta é a excellente, e um verdadeiro bem causado e composto de muitos bens, do summo bem procedidos e a elle ordenados. Ella é uma concordia e harmonia de perfeitas virtudes, sciencias, e dons espirituaes, tanto mais excellente que a corporal, quanto mais excellente é a alma que o corpo. A formosura corporal não é nosso verdadeiro bem. Não quero por isto dizer que é má, antes digo que em si é boa e um bem da natureza; mas affirmo que o mau uso della a faz occasião de muitos males. Considerada bem a humana fraqueza ella é perigosa, e principio muitas vezes de grandes desgraças, especialmente quando não anda unida com a formosura d'alma e firmeza da virtude. Nenhum verdadeiro bem cega nosso entendimento para não vermos a verdade, nem prende nossas affeições para não subirem ao céu, nem impede á nossa alma o alto vôo da divina contemplação. A formosura da carne costuma ser um véu para cegar nossos olhos, um laço para prender os pés, um visco para impedir as azas: — logo não é verdadeiro bem. Os que se deleitam vaamente em sua formosura não vêem facilmente a verdade, nem seguem promptamente a virtude, nem voam com facilidade ao alto com o coração. Teem em sua casa seu proprio inimigo, causa da sua vangloria: e o que peor é que o não tem por tal; porque sendo aspero e cruel, o tem por brando e benigno. Deleitam-se em seu proprio damno, querem bem a seu mal, trazem consigo a doce peçonha, o roubador de seu descanso, a materia do seu trabalho, a causa de

seu perigo, o excitador da sua vaidade. Vedes aqui que cousa é a formosura da carne, tão desejada de muitos, e tanto para ser desprezada de todos. Por onde se colhe claramente, que nem ella ennobrece a natureza, nem pacifica a consciencia, nem faz bons seus possuidores, e por conseguinte que não é verdadeiro bem. Um rei houve em Tyro tão glorioso de sua formosura que se perdeu a si e a seu reino, por não querer considerar sobre quão vão e fragil fundamento edificava o alto castello da sua vaidade. E fallando Ezequiel da parte de Deus lhe disse estas palavras: — levantado é teu coração em tua formosura; perdeste o teu saber em tua belleza. Quem foi mais formoso que Absalão, que diz a sagrada Escriptura no segundo livro dos reis que não havia em Israel quem se lhe comparasse em formosura? E quem foi mais vão e ambicioso, pois quiz tomar o reino a seu pai como no mesmo livro está posto em memoria? Determinou de ficar atraz com a consciencia por ir adiante com a opinião, e não fez caso de perder o reino do céu por ganhar o da terra; e elle perdeu um e outro, porque morreu no ar pendurado de uma arvore pelos cabellos, que até para morrer lhe faltou a terra. E foi cousa de notar, que lhe não serviram alli seus formosos cabellos senão de instrumento de sua desastrada morte. Diz o Petrarca nos Remedios da fortuna, que de maravilha se achará cousa com que mais o animo se inche e ensoberbeça que com a corporal formosura. E Ovidio no primeiro dos Fastos diz que a presumpção é annexa á formosura, e que a soberba é sua companheira. Isto quizeram significar os poetas quando disseram, que Narciso enlevado em sua formosura se affeição tanto a si que se perdêra cégo com seu amor proprio. — *Fr. Heitor Pinto.*

SOBRE A NOVA THEORIA DAS EXPLOSÕES DAS MACHINAS POR VAPOR.

Não obstante os progressos tão rapidos que a sciencia tem feito ha sincoenta annos a esta parte, ainda na producção do vapor dão-se circumstancias, que estão por apreciar, e nos deixam na ignorancia das causas que determinam a ruptura das caldeiras. As chapas de D'Arcet, que pela sua fusibilidade se oppõem a uma elevação mui grande da temperatura; as valvulas de segurança, que se abrem e dão sahida ao vapor logo que a sua tensão sobrepuja ametade da resistencia experimentada pelos appparelhos; os *fluctuadores* e todos os indicadores de nivel, que fazem conhecer a altura da agua na caldeira, e que até muitas vezes tem por acção entreter uma constante e conveniente elevação de liquido, foram todos creados na persuasão de que o seu emprego poria termo aos graves accidentes produzidos pelo vapor: todavia a sua adopção nada ou pouquissimo melhorou o estado das cousas, pois que muitas machinas munidas de todos esses appparelhos de segurança, bem vigiados, bem mantidos, teem arreventado. — As theorias sublimes para explicar as rupturas de caldeiras pelo excesso do calor, pela insufficiencia d'agua ou extrema tensão do vapor, foram todas desmentidas por essas desgraças que de dia para dia se renovam. — Por occasião de um incidente acontecido n'um districto de França, e que Mr. Julio Seguin menciona, parece que ha lugar para uma nova theoria, em que se recorre aos misterios da electricidade. Segundo referem operarios, que tem assistido a ex-

plosões de caldeiras, e pela revista de factos que não podem explicar-se senão pela expansão do vapor, se emittiu a principio timidamente o pensamento de que o fluido electrico poderia figurar nestes phenomenos não comprehendidos. Hoje esta idéa ganha credito, procede a fundamentar-se em experiencias, e na sentença dos sabios, que por sua respectiva situação social e scientifica devem de ser mui circumspectos em assumptos de systemas — O citado Mr. Seguin julga que mui de leve se attribuem á electricidade as explosões causadas pelo vapor, e custa-lhe a crer que todos os que estudaram as propriedades e effeitos daquelle agente possam combinar com o que sabem a nova theoria. — Aceitemos [diz] como experiencia curiosa a observação de Mr. Segnier, que n'uma recente viagem á Belgica se collocou a quatro palmos e meio de distancia de uma valvula da caldeira, assentado n'um tamborete com pés de vidro, como um *isolador*; e que com a mão armada de uma varinha de ferro dirigiu a ponta do metal ao jacto do vapor, e foi tão fortemente electrificado que se lhe erriçaram os cabellos, e do corpo se lhe extrahiram faiscas. Mas disto nada concluamos a favor da nova hypothese. — Becquerel ha muito tempo demonstrou, no amphitheatro do *collegio de França*, que sob a acção do calor a agua, todas as vezes que estiver impura, deixa desprender-se o vapor n'um estado electrico manifesto. Porem antes d'inferir desta verdade que isto seja no interior da caldeira uma accumulção d'electricidade livre, distribuida entre o vapor de uma parte e o liquido da outra, prompta a descarregar-se violentamente, seria preciso desmentir as experiencias de Coulom; seria mister estabelecer que outro tanto póde acontecer no interior d'uma cavidade metallica. — Em summa, a nova hypothese é de tal natureza que descaminhará os homens que se dedicam á indagação dos meios preservativos das fataes explosões: ella tende a introduzir mais um mysterio n'um phenomeno que já é obscuro; e as caldeiras multiplices de Segnier são para a nossa segurança, melhores fiadores que todas as construcções anti-electricas, que alguns agora imaginam.

QUANDO o homem está resolvido a praticar injustiças, e tem o poder de as fazer, nunca lhe faltam pretextos.

A AMBIÇÃO cresce com as honras: quanto mais o homem se vê elevado, mais caminho descobre para andar; nunca considera donde vem, mas só onde pretende chegar.

UMA desgraça, um accidente adverso, uma morte precipitada, em um momento põe em confusão as obras d'ambição. Todos estes colossos orgulhosos se sustentam sobre pés de barro. Triumphamos de ter ganhado alguma vantagem sobre os nossos iguaes, mas a sepultura nos mette bem depressa debaixo dos pés de nossos inferiores.

AQUELLES, que em si são despreziveis, são os mais sensiveis a uma affronta; porque consistindo todo o seu merecimento méramente em uma opinião vã, não acham em si cousa alguma, que os possa abonar, quando estas idéas vantajosas ficam diminuidas, ou aniquiladas pelo desprezo.